



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 1

Numa época em que falar de limites parece ofensivo, em que tudo é interpretado através dos sentimentos e em que muitos acreditam que a misericórdia consiste em “deixar fazer”, existe um cânon do Direito Canônico que continua a ressoar com uma força incômoda, poderosa e profundamente evangélica: o **Cânon 915**.

Muitos o conhecem apenas por controvérsias midiáticas. Outros o reduzem a debates políticos. Alguns sacerdotes preferem evitá-lo para não criar conflitos. E não poucos fiéis católicos nunca ouviram falar dele.

No entanto, por trás deste cânon existe uma imensa verdade espiritual: **a Eucaristia não é um símbolo qualquer, mas o próprio Cristo; e aproximar-se indignamente para recebê-Lo pode tornar-se um grave sacrilégio.**

O Cânon 915 não é uma norma “fria”, nem uma obsessão legalista da Igreja. É, na realidade, uma expressão concreta do amor a Cristo, da reverência à Eucaristia e da caridade para com as almas.

Porque a Igreja não tem apenas o dever de alimentar espiritualmente os fiéis. Ela também tem o dever de impedir que as pessoas se prejudiquem espiritualmente a si mesmas.

E é precisamente isso que este cânon faz.

O que diz exatamente o Cânon 915?

O texto do cânon é breve, mas enormemente profundo:

“Não sejam admitidos à sagrada comunhão os excomungados e interditos, depois da imposição ou declaração da pena, e os outros que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto.”

Este cânon pertence ao Código de Direito Canônico promulgado por João Paulo II em 1983.

À primeira vista, pode parecer apenas uma norma disciplinar. Mas por trás dessas palavras existe toda uma teologia da Eucaristia, do pecado, do escândalo e da salvação.



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 2

O cânon fala de três elementos fundamentais:

- **Pecado grave**
- **Manifesto**
- **Persistência obstinada**

Não se refere a qualquer pecado privado. Nem às lutas interiores que todos temos. Nem a uma fraqueza ocasional. Fala de situações objetivas, públicas e persistentes que contradizem gravemente a lei de Deus.

E aqui está um dos pontos mais importantes: o Cânon 915 não julga a alma interior de uma pessoa — isso só Deus conhece — mas a situação externa e objetiva.

A Eucaristia: o centro de tudo

Para compreender este cânon é preciso começar entendendo algo essencial: **o que é a Eucaristia.**

A Igreja Católica ensina que na Santa Missa o pão e o vinho se tornam verdadeira, real e substancialmente o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Cristo.

Não é um símbolo.

Não é uma metáfora.

Não é simplesmente “uma recordação”.

É o próprio Cristo.

Por isso a Igreja sempre tratou a Sagrada Comunhão com imensa reverência.

Desde os primeiros séculos, os cristãos compreenderam que aproximar-se indignamente da Eucaristia era algo extremamente grave.

Por isso São Paulo escreveu este aviso tremendamente sério:

“Quem comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do Corpo e do Sangue do Senhor.”



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 3

— 1 Coríntios 11,27

E continua:

“Porque quem come e bebe indignamente come e bebe a própria condenação, não discernindo o Corpo do Senhor.”

— 1 Coríntios 11,29

Estas palavras hoje parecem duras para muitos ouvidos modernos. Mas continuam a ser Palavra de Deus.

A Igreja não inventou o Cânon 915. O que fez foi traduzir juridicamente um ensinamento apostólico que existe desde o início do cristianismo.

O grande problema moderno: perdemos o sentido do sagrado

Uma das tragédias espirituais do nosso tempo é que muitos católicos já não distinguem entre:

- assistir à Missa e comungar,
- misericórdia e permissividade,
- acolhimento e aprovação,
- amor e relativismo.

Hoje existe uma enorme pressão para que absolutamente todos comuniquem sempre.

Em muitas paróquias desenvolveu-se quase uma “obrigação social” de receber a Comunhão. Permanecer no banco parece motivo de vergonha. E isso produziu uma consequência terrível: pessoas que vivem objetivamente em grave contradição com a fé recebem a Eucaristia sem confissão, sem arrependimento e sem consciência do perigo espiritual.

O resultado é devastador:



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 4

- banalização da Eucaristia,
- perda do sentido do pecado,
- irreverência litúrgica,
- confusão doutrinal,
- e constantes sacrilégios.

O Cânon 915 surge precisamente para proteger a santidade do Sacramento e evitar o escândalo público.

O que significa “pecado grave manifesto”?

É aqui que muitos se confundem.

A Igreja distingue entre:

- pecado oculto,
- pecado privado,
- e pecado manifesto.

O Cânon 915 refere-se ao pecado grave **manifesto**, isto é, conhecido publicamente.

Por exemplo:

- convivência marital fora do matrimônio,
- defesa pública do aborto,
- promoção aberta de leis gravemente imorais,
- situações públicas de adultério,
- apostasia pública,
- militância ativa contra ensinamentos essenciais da Igreja.

Não se trata de “caçar pecadores”.

Todos somos pecadores.

A diferença é que aqui falamos de situações objetivas, públicas e persistentes.

Porque quando alguém vive publicamente em grave contradição com a lei de Deus e mesmo assim recebe a Comunhão, produz-se um escândalo espiritual: outros fiéis concluem que



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 5

aquilo “já não é pecado” ou que a Igreja realmente não acredita no que ensina.

O Cânon 915 NÃO é falta de misericórdia

Este é talvez o ponto mais importante de todo o debate.

Muitos pensam:

“Se Jesus acolhia os pecadores, por que negar a Comunhão?”

Mas a pergunta está mal formulada.

Jesus acolhia os pecadores... precisamente para convertê-los.

Nunca confundiu misericórdia com aprovação do pecado.

À mulher adúltera Ele disse:

“Vai e não peques mais.”

— João 8,11

Não disse:

“A tua situação não importa.”

A verdadeira misericórdia procura salvar a alma.

E aqui está algo que o mundo moderno esqueceu:

permitir um sacrilégio não é caridade.

Se um sacerdote sabe que uma pessoa persevera obstinadamente em pecado grave manifesto e mesmo assim a admite à Comunhão, pode estar cooperando objetivamente para um dano espiritual.

O Cânon 915 não existe para humilhar.

Existe para chamar à conversão.



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 6

A diferença entre o Cânon 915 e o Cânon 916

Esta é uma distinção importantíssima.

Cânon 916

Fala da responsabilidade pessoal do fiel.

Diz que quem tem consciência de pecado mortal não deve comungar sem antes se confessar.

É uma obrigação interna de consciência.

Cânon 915

Fala da responsabilidade do ministro da Comunhão.

Ou seja:

quando a situação é pública e objetiva, o sacerdote ou ministro não deve administrar a Comunhão.

Portanto:

- o Cânon 916 atua no foro interno,
- o Cânon 915 atua no foro externo.

Esta diferença é fundamental para compreender toda a disciplina sacramental da Igreja.

Que situações costumam ser associadas ao Cânon 915?

Nas últimas décadas este cânon apareceu especialmente em debates sobre:

- políticos que apoiam publicamente o aborto,
- católicos divorciados e recasados civilmente,
- pessoas em uniões públicas contrárias à moral católica,



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 7

- figuras públicas que combatem ativamente ensinamentos essenciais da Igreja.

A questão nunca é meramente política.

A questão é sacramental e espiritual.

A Igreja não está dizendo:

“Esta pessoa vale menos.”

Está dizendo:

“Existe uma contradição objetiva entre esta conduta pública e a comunhão visível com Cristo e Sua Igreja.”

Por que a Igreja deve proteger a Eucaristia?

Porque a Eucaristia é o maior tesouro que existe sobre a terra.

A Igreja pode sobreviver a perseguições, escândalos, pobreza ou ataques culturais. Mas quando perde o sentido do sagrado, começa uma decadência espiritual muito mais profunda.

Muitos santos choravam ao ver comunhões irreverentes.

Tomás de Aquino ensinava que nenhum sacramento exige tanta reverência quanto a Eucaristia.

João Maria Vianney dizia que, se realmente compreendêssemos o que acontece na Missa, morreríamos de assombro.

E Padre Pio sofria profundamente por causa das comunhões sacrílegas.

Hoje, porém, muitos recebem a Eucaristia como se fosse algo rotineiro.

Sem exame de consciência.

Sem confissão.

Sem fé viva.

Sem preparação.

E isso tem enormes consequências espirituais.



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 8

A dimensão pastoral: como aplicar corretamente o Cânon 915

É aqui que são necessárias enorme prudência, caridade e sabedoria.

Aplicar o Cânon 915 não significa agir com dureza automática nem com espírito policial.

A tradição pastoral da Igreja sempre buscou:

- diálogo,
- acompanhamento,
- correção fraterna,
- chamado à conversão,
- paciência pastoral.

Normalmente, antes de chegar a uma recusa pública da Comunhão, deve haver:

1. instrução doutrinal,
2. advertência pastoral,
3. tentativa de correção,
4. clareza sobre a situação objetiva.

O objetivo nunca é “punir”.

O objetivo é conduzir à reconciliação com Deus.

Porque a Igreja não quer excluir.

Quer salvar.

Um problema atual: a confusão doutrinal

Vivemos tempos em que até mesmo dentro dos ambientes católicos existe enorme confusão sobre:

- pecado mortal,
- estado de graça,
- sacrilégio,



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 9

- dignidade para comungar,
- confissão sacramental.

Muitos reduziram o cristianismo a simplesmente “sentir-se acolhido”.

Mas o Evangelho é muito mais profundo:
Cristo não veio apenas para nos consolar.
Veio para nos transformar.

E isso implica conversão.

O Cânon 915 recorda algo contracultural:
a Comunhão não é simplesmente um gesto de pertença social.
É um sinal visível de união real com Cristo e com a fé da Igreja.

Pode alguém voltar depois de ter vivido numa situação pública de pecado?

Sim.

E esta é a parte mais bela de tudo.

A Igreja nunca fecha a porta ao arrependimento.

Nunca.

O mesmo Cristo que adverte contra receber indignamente a Eucaristia é Aquele que perdoou:

- São Pedro depois de negá-Lo,
- Maria Madalena depois de sua vida passada,
- o bom ladrão na cruz,
- e tantos pecadores arrependidos.

O objetivo do Cânon 915 não é a exclusão permanente.
O objetivo é a conversão autêntica.

Quando existe arrependimento, confissão e mudança de vida, a Igreja acolhe novamente



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 10

com alegria.

Porque o coração do catolicismo não é a condenação.
É a redenção.

O silêncio sobre o pecado está destruindo muitas almas

Um dos maiores danos pastorais do nosso tempo é que quase ninguém fala mais sobre o perigo espiritual do pecado mortal.

Muitos católicos passam anos sem se confessar.
Recebem a Comunhão automaticamente.
E ninguém lhes explica a gravidade espiritual de recebê-la indignamente.

Esse silêncio não é misericórdia.
É abandono espiritual.

Um médico que esconde uma doença grave não ajuda o paciente.
Um pastor que nunca adverte sobre o pecado também não ajuda as almas.

Por isso o Cânon 915 continua tão necessário hoje.

Porque recorda algo essencial:
Deus nos ama demais para nos deixar confortavelmente instalados no pecado.

A verdadeira caridade exige verdade

A Igreja moderna enfrenta uma tentação constante:
ser aceita pelo mundo ao preço de suavizar a verdade.

Mas Cristo nunca prometeu popularidade.
Prometeu a Cruz.

Falar hoje sobre o Cânon 915 pode gerar críticas, desconforto e até rejeição.
Mas calar a verdade por medo do conflito nunca foi autêntica caridade cristã.



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 11

A verdadeira caridade:

- ama,
 - acompanha,
 - compreende,
 - escuta,
 - perdoa...
- mas também chama à conversão.

Porque sem verdade não pode existir amor autêntico.

Conclusão: o Cânon 915 não é um muro... é um alarme espiritual

Muitos veem este cânon como uma barreira.
Mas na realidade ele é um sinal de alerta.

A Igreja não diz:
“Não te queremos.”

Ela diz:
“A tua alma é preciosa demais para banalizar a Eucaristia.”

No fundo, o Cânon 915 defende três realidades sagradas:

- a santidade de Cristo presente na Eucaristia,
- a verdade moral do Evangelho,
- e a salvação eterna das almas.

Num mundo que banaliza tudo, até mesmo o sagrado, este cânon continua a recordar-nos que existem realidades que devem ser tratadas com santo temor, reverência e humildade.

Porque a Sagrada Comunhão não é um direito automático.
É um imenso encontro com o Deus vivo.

E aproximar-se d’Ele exige algo que hoje quase ninguém quer ouvir... mas que continua a ser o próprio coração do Evangelho:



“Aqueles que perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto não devem ser admitidos à Sagrada Comunhão”: o cânon mais incômodo... e mais necessário do nosso tempo | 12

conversão.